

A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre o papel da filosofia de John Dewey na Educação sem contudo fazer a história desta presença no Brasil. É impossível analisar todas as suas ideias, por isso o autor selecionou alguns pontos básicos da obra de Dewey. Deste modo o artigo focaliza o pensamento deste filósofo sobre experiência e criatividade, papel do professor, sociedade e democracia. Busca-se uma discussão sobre a importância para os educadores do retorno à teoria de Dewey nos tempos atuais e a necessidade de uma reflexão profunda de suas ideias. Como conclusão pergunta-se qual a contribuição do pensamento de Dewey possível para a prática educacional hoje nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: experiência e criatividade; papel do professor; sociedade e democracia.

Abstract

This article aims to think about the role of the philosophy of John Dewey on Education without writing the history of these ideas in Brazil. The author has selected some basic topics of Dewey's work because it is impossible to write about all his ideas. Thus the article focuses this philosopher's analysis about experience, creativity, role of the teacher, society and democracy. We offer a discussion about how it is important for educators to bring again Dewey's theory nowadays and the necessity of a deep reflexion on his ideas. As a conclusion we ask what the contribution of Dewey's thoughts is possible to the educational practice today in Brazilian schools.

Keywords: experience and creativity; teacher's role; society and democracy.

Introdução

A importância deste dossiê, que versa sobre John Dewey, sua filosofia, seu pensamento, as contribuições passadas e as possibilidades atuais, é de uma ordem de grandeza tal que ultrapassa quaisquer palavras que possamos escrever. Ainda assim, aceitamos esta missão porque é pertinente. Cabe, em especial, registrar o valor desta iniciativa de reunir artigos diferentes que tenham em comum o interesse em estudar esta filosofia. Certamente a proposta de acolher diversos enfoques tendo como ponto de partida o legado deste filósofo alcançará seus objetivos no meio educacional. Trata-se de uma medida oportuna, tanto pelos inegáveis méritos da obra de Dewey, como também pela atualidade permanente de um filósofo que em 1915 publicou a primeira edição de suas ideias sobre a escola e a sociedade (DEWEY, 1953).

Destaco o papel destes artigos principalmente na formação dos futuros educadores, muitos dos quais nem sempre encontram oportunidade para uma aprendizagem objetiva e profunda da filosofia de John Dewey cuja riqueza de pensamento se confirma na renovação contínua dos modos e costumes de se educar crianças nas escolas. O convite para participar deste dossiê escrevendo algumas considerações sobre o pensamento de John Dewey é para mim, não somente uma grande honra como também um enorme desafio, pois

o lugar de Dewey na história do pensamento pode ser bastante diferente daquele que lhe é designado por admiradores e detratores. Mas que ele realmente tenha um lugar, e que este é importante, é negado somente por aqueles para quem história e lógica são irrelevantes. (DWORKIN, 1959. p.16)

Esta afirmativa, que foi feita por ocasião do primeiro centenário de Dewey ocorrido em 1959, permanece hoje e provavelmente terá validade em tempos futuros, devido à enorme abrangência e complexidade do pensamento deste filósofo. A tônica de ousadia que marcou as iniciativas de Dewey naqueles tempos certamente não existe mais, o que de modo algum lhes tira o valor. Os problemas educacionais podem ter outra vestimenta, contudo a essência das questões tem a mesma origem que é o ser humano.

Outro aspecto precisa ser revelado, pois como um retorno no tempo, de uma maneira afetuosa e frutuosa, usando uma expressão tão cara a este filósofo norte-americano, estou diante da obra de John Dewey. Sem desejar fazer história, mas recorrendo à precisão de datas, recordo que em 1959, diferentes países organizaram, de algum modo, variadas celebrações em torno do que seria o primeiro centenário de John Dewey, nascido em 20 de outubro de 1859 e tendo falecido sete anos antes, em primeiro de junho de 1952. Anísio Teixeira, o discípulo brasileiro de John Dewey, a quem se deve a difusão da sua obra e de sua filosofia no Brasil, foi convidado pela Columbia University em carta publicada pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1959) para fazer parte do comitê internacional para o planejamento das comemorações desta importante data. Para concretizar a homenagem também no Brasil, este famoso educador brasileiro convidou Newton Sucupira, filósofo e professor universitário em Pernambuco, para que escrevesse um artigo analisando o pensamento de John Dewey e que refletisse a filosofia do homenageado. O artigo (SUCUPIRA, 1960) veio a público somente no último número da RBEP do ano de 1960.

O que tem o referido artigo de Sucupira a ver com a presente reflexão, além de possíveis contribuições específicas sobre o tema?

A autora desse artigo era encarregada de datilografar os trabalhos do referido professor, e por isso recebeu a missão referente ao artigo encomendado por Anísio Teixeira. Foi desse modo que iniciei a leitura, ainda que indireta, das ideias de John Dewey. Em seguida, quando na universidade cursava Pedagogia, ao me reencontrar com os textos de John Dewey, a base instalada no primeiro contato me veio à tona. Comprovando a teoria de Dewey, esta experiência se incorporou ao processo de educação e se multiplicou em outras experiências. De forma consciente e com um olhar científico, modificando os elementos afetivos iniciais, busquei então me aprofundar na obra do filósofo. Desde então releio os livros escritos por Dewey sempre com muito interesse e descobrindo novos ensinamentos, além de observar que me surgem perguntas, as quais nem todas podem ser respondidas.

Feita esta introdução rápida, passo imediatamente ao objetivo desse artigo que é refletir sobre as ideias de John Dewey com o olhar da pesquisadora engajada em questões de Educação e preocupada com o que acontece na escola brasileira, sempre visando o contínuo aperfeiçoamento do aluno em todas as épocas. Evidentemente não tenho a pretensão de analisar e apresentar uma reflexão sobre a extensa e fértil obra do filósofo John Dewey, pois isto me parece impossível. Muitos são os tópicos e as ideias que poderiam ser recortadas para o estudo aqui, em se tratando da múltipla e fascinante obra de Dewey, no entanto, para que não fiquemos perdidos, foram selecionados os seguintes pontos a serem trabalhados neste artigo: Experiência e Criatividade; Papel do Professor; Sociedade e Democracia. Deste modo, o artigo está dividido em seis partes que se apresentam nesta sequência: Introdução, as quatro seções marcadas pelos citados pontos e finalmente um item dedicado às conclusões.

Estudos e debates sobre John Dewey em cursos de pedagogia sempre aparecem nos currículos, às vezes com maior frequência, e em outras nem tanto. É sabido que os professores fazem referência ao movimento gerado pelo Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, datado de 1932 (AZEVEDO et al., 1984) na disciplina de História da Educação, e desta maneira, o nome de John Dewey é posto diante dos alunos, sem no entanto haver uma reflexão e análise que se fazem necessárias.

Houve uma época no Brasil na qual a discussão e a reflexão sobre Educação tinham como um dos eixos de sustentação as ideias de John Dewey. Decorrente deste entusiasmo, observa-se que a filosofia da experiência, proposta por este filósofo como a filosofia da educação, era atentamente estudada. Por meio de pesquisas, pretendia-se que os princípios expostos e defendidos pelo filósofo norte-americano acontecessem na prática das escolas de educação básica. Havia uma sede de conhecimento sobre estas ideias e por isso não se podia pensar em Educação sem que se recorresse a este nome e às suas inovações, críticas e tentativas de modificação da escola tendo em vista uma melhor qualidade da formação dos alunos. Como se sabe, isto aconteceu no Brasil devido à difusão desta teoria feita por Anísio Teixeira, que tendo sido discípulo de John Dewey trouxe para nosso meio educacional esta filosofia da educação revolucionária. Em um de seus artigos (TEIXEIRA, 1955, p.27) sobre o mestre, podemos ler na conclusão a seguinte afirmativa: “Só uma lógica da experiência, uma lógica da investigação e da descoberta, como é a de Dewey, podem ajudar-nos a vencer as falsas divisões, dualismos e conflitos que vêm criando e nutrindo a injustificada Babel moderna.” Esta frase tem o frescor dos dias de hoje ao mostrar a preocupação com a multiplicidade, cada vez maior de ideias, e também opiniões, que assolam a educação. É interessante observar como estão associadas a experiência, a investigação e

a descoberta num tripé que realmente sintetiza a obra do filósofo norte-americano.

Não podemos esquecer que há sempre algumas publicações sobre o pensamento de John Dewey e estudiosos vêm se reunindo em torno das ideias por ele desenvolvidas, como é o caso do III Simpósio Internacional em Educação e Filosofia (2009) especialmente dedicado a Dewey em comemoração aos seus 150 anos de nascimento, que aconteceu em Ribeirão Preto, São Paulo, 2009. Nesta oportunidade foram apresentados comunicações e pôsteres nos quais a Filosofia da Educação de John Dewey foi analisada sob diversos ângulos. Temas variados foram debatidos e, desse modo, a nova geração encontrou uma excelente oportunidade para conhecer este filósofo e se motivar para dar prosseguimento aos estudos com este enfoque.

Handlin (1959) escreve sobre o que intitulou os desafios de John Dewey mostrando características da educação nas escolas encontradas por este filósofo e como ele as reformulou. Há aspectos interessantes discutidos por esse historiador, no entanto, para o recorte aqui pretendido, não vamos nos alongar nesta vereda histórica, e por isso, passamos às seções específicas, tai como já foi anunciado.

Experiência e Criatividade

O que é uma experiência?

Ao longo de toda a obra de John Dewey se encontram diversos comentários sobre o que é experiência e também sobre o que não é experiência, mas de uma coisa estejamos certos: a experiência é o centro de suas reflexões e a filosofia que veio a construir se intitula Filosofia da Experiência. Vejamos inicialmente que visando a aprendizagem eficaz de todos os alunos que frequentam escolas sem apresentarem o rendimento

esperado, Dewey (1952, p. 16) afirma que “jovens em escolas tradicionais têm realmente experiência”, mas a diferença está na qualidade da experiência, pois “tudo depende da *qualidade* da experiência que se tem” (DEWEY, 1952, p.16. Grifo do Autor).

O que é qualidade da experiência para o citado filósofo?

Não se trata do tipo de objeto, nem também de qual é a finalidade da experiência que vai lhe conferir a qualidade, porque a qualidade da experiência está no envolvimento do sujeito que realiza e vivencia a experiência. Embora o sujeito esteja sempre passando por experiências e exercitando suas capacidades internas em relação ao mundo externo, não se pode afirmar que exista a mesma qualidade em todas elas. Há experiências que aparentam alguma qualidade, no entanto, por diferentes motivos, se reduzem a uma cadeia sem significado, como se pode ler na seguinte explicação:

Quando objetos são isolados da experiência por meio da qual foram alcançados e na qual funcionam, a própria experiência se torna reduzida a um mero processo de experienciar e experienciar é assim tratado como se fosse também completo em si mesmo. (DEWEY, 1959a, p. 11)

O conceito de Experiência é uma dimensão de sustentação para o filósofo ao ponto de que ao se pensar em Educação nesta concepção, inevitavelmente diremos que a Educação é a realização de experiência, não uma experiência qualquer, mas uma experiência significativa que se torna frutuosa nas experiências seguintes, sem contudo se tornar algo mecânico. Esta é a síntese para o que se pode refletir sobre a experiência nesta filosofia. Depois de séculos de educação na qual o aluno recebia os

conteúdos programáticos de forma pronta, acabada, os quais uma vez adquiridos deveriam ser devolvidos para a verificação da aprendizagem, a ênfase na experiência pretende modificar a concepção de educação, a teoria e a prática didática escolar.

O problema da experiência é complexo porque o termo pode ser entendido de diferentes maneiras e o leitor seguir caminhos opostos ao que a filosofia pretende com este conceito. Para Dewey, a importância do processo de aprendizagem se manifesta nas experiências vivenciadas pelo sujeito que aprende e, ainda “Dewey acredita que é a habilidade do indivíduo de questionar por meio da experiência que é o mais importante para a comunidade humana” tal como afirma Glassman (2001, s/p.) Esta relação entre a experiência individual e a comunidade humana nos remete a uma reflexão sobre o papel de cada sujeito na concepção de Dewey. Muitas vezes este filósofo tem sido criticado como alguém que se preocupa somente com a individualidade do aluno e que reverencia a centralidade do aluno em todo o processo de aprendizagem. Certamente que a pedagogia voltada para a motivação, capacidade e realização do indivíduo recebeu grande impulso depois da divulgação da filosofia de Dewey.

Lembremo-nos que Dewey não é um psicólogo do desenvolvimento, mas um filósofo que dedicou sua vida à Educação e por isso entendeu a importância desta área afim e conhecia os avanços dos estudos sobre a criança. Analisando a trajetória do que intitula como “As origens selvagens da Pedagogia centrada na criança. 1871-1913), em seu artigo, Fallace (2015) acusa Dewey fortemente de colaborar nesta perspectiva que considera perniciosa. Fallace se debruça sobre este tipo de atividade em sala de aula criticando esta postura de modo incisivo e considerando que John Dewey foi um de seus principais impulsionadores. Dentre outros aspectos, a negação do valor desta contribuição de Dewey está para o referido comentarista

numa atitude que seria típica dos antropólogos, filósofos e psicólogos da época que elegiam a cultura ocidental como superior às demais. Com este ponto de vista, Fallace rechaça a experiência do próprio sujeito que tenha gerada pela proposição feita pelo professor ao lhe indicar elementos para estudo e pesquisa dessa natureza, considerando que há uma condução intencional e etnocêntrica.

Apesar desta visão contrária ao valor da experiência do sujeito, na medida em que é etiquetada também como uma postura inadequada do pedagogo, por não se colocar em atividade primeiramente, não podemos deixar de mencionar os méritos advindos da iniciativa do aluno para a prática escolar. John Dewey trouxe o mundo para dentro da escola e reconstruiu dentro dos muros escolares a sociedade na qual os alunos viviam, propiciando a experiência de cada um deles em uma vivência o mais próximo possível da realidade que os cercava. Esta iniciativa se deve ao fato do valor dado ao meio externo, como se vê na afirmativa:

Experiência não acontece simplesmente dentro da pessoa. Acontece aí realmente, pois influencia a formação de atitudes, desejos e objetivos. Mas isto não é a história toda. Cada experiência genuína tem um lado ativo que muda em certo grau as condições objetivas sob as quais se tem a experiência. (DEWEY, 1952. p. 33-34)

Na pedagogia tradicional, clássica, o professor era tido como o detentor absoluto do conhecimento e dispendo do poder da informação que lhe possibilita submeter o aluno a um processo de seguimento contínuo de suas proposições. A mudança de foco na pedagogia que passa a valorizar o agir do aluno não significa a perda da autoridade legítima do professor nem

a subversão dos acontecimentos escolares. Este é um dos pontos que precisa ser cuidadosamente estudado hoje em dia. Fala-se hoje assiduamente no papel da interação no desenvolvimento educacional dos alunos e nem sempre é citado que esta palavra foi usada por Dewey (1952) para realçar o sentido da experiência. Muitas ideias de um autor costumam ser modificadas pela interpretação ao longo dos anos e às vezes podemos encontrar escolas que dizem seguir a filosofia de alguém quando na verdade isto não acontece. Encontra-se com frequência a falsa ideia de que se está aplicando uma Filosofia da Educação quando na realidade o que se toma como princípios são deturpações.

Continuando a refletir sobre o papel da Experiência na prática pedagógica relacionada com a centralidade do aluno no processo de aprendizagem, observemos que traz implicações outras. Não se trata de uma situação emotivista na qual o aluno exerce seu voluntarismo, mas de uma responsabilização maior do aluno quanto às suas iniciativas e aos resultados que estas podem gerar. Analisando o significado da Experiência segundo o pensamento de Dewey, podemos destacar a multiplicidade de fatores que nessa estão incluídos. Nessa direção está a afirmação de Aiken: “a teoria da Experiência de Dewey é estabelecida para fornecer uma perspectiva unificada da atividade cognitiva e prática, pois as duas não estão apenas mutuamente se apoiando, mas são mutuamente implicadas.” (AIKEN, 2007, s.p.).

Ampliamos esta afirmativa ao dizer que não há somente uma união da atividade cognitiva com a prática, mas algo muito mais complexo. A experiência não acontece de modo parcial, não é una, e nem mesmo apenas como uma união da atividade cognitiva e prática, pois na verdade a experiência é concernente à totalidade do ser. O sujeito se encontra envolvido pela experiência (DEWEY, 1952) de tal ordem que se passa a

falar de vivenciar algo quando se quer explicitar a dimensão experiencial. A experiência não é um fato isolado ou um acontecimento pontual, mas um fluxo de um processo ininterrupto que se chama vida e por isso Dewey (1952, p.17) fala em “continuidade da experiência”. Sobre este aspecto, Dewey (1952, p.43) afirma ainda que “Continuidade e interação em sua ativa união uma com a outra fornecem a medida do significado e do valor educativo de uma experiência.” (DEWEY, 1952, p.43)

É nesta direção que se pode concordar com Olsen (2007, s.p.) ao afirmar que Dewey “vê a capacidade reflexiva, cognitiva, como um meio pelo qual nós, criaturas pensantes e raciocinantes somos capazes de aprender sobre o mundo *através da transformação controlada de nosso meio ambiente*” (grifo do Autor). Estes são alguns dos pontos que podem levar a ricas reflexões para a atualidade pedagógica brasileira.

Reunimos sob este duplo título dois conceitos, duas obras, que são de grande força na sustentação do pensamento de Dewey, e até agora detivemos nosso olhar sobre a Experiência por ser este o tema central da filosofia da educação deweyana. O que podemos refletir sobre a Criatividade, e em especial na relação com experiência? Embora tenha sido publicado inicialmente em 1932 o volume contendo as conferências de Dewey (2005) sobre estética e arte, este não parece ser um dos vértices mais analisados em sua obra. Perde-se muito com esta ausência, na medida em que a pertinência e a importância do significado estético na educação sejam para este filósofo enormes, (DEWEY, 2005) o que se pode detectar inclusive pelo título desta coleção de ensaios.

Quando selecionamos o termo criatividade para relacionar com experiência, em vez de arte, isto se explica porque partimos do conceito que a criatividade é a vivência da arte pela experiência pessoal, muito além do objeto que pode ou não vir a ser criado ou da arte instituída e isto justifica o

que pretendemos aqui ao relacionar Experiência e Criatividade. A criação do aluno é entendida pelo filósofo como elemento integrante da experiência de qualidade, pois “a história da experiência humana é a história do desenvolvimento das artes.” (DEWEY, 1959a p.388). É interessante observar a discussão apresentada pelo filósofo entre a ciência e a arte, mostrando que a distinção fundamental está no fato que a arte é criatividade. Estas ideias enfatizam e apresentam a razão de termos usado o termo Criatividade para esta análise em vez de Arte, embora Dewey (2005) se utilize mais da palavra Arte. No entanto, não é difícil encontrar ao longo de seus textos sobre questões artísticas e estéticas a preocupação com o ato de criar que dá significado à experiência humana. É neste sentido que se pode entender que a força da ação, acontecida em cada experiência realizada pelo ser humano, traz em si a capacidade de criação englobando a própria ideia de arte. Em um sentido bastante amplo pode-se dizer, nesta perspectiva, que toda experiência é uma vivência criativa sem que seja necessário sempre o surgimento de um produto, e arte embora seja um produto não é apenas este, não se reduz ao que se apresenta no final. Continuando esta reflexão, não se pode dissociar o processo de fazer arte, que é uma experiência fundamental, do produto final, no pensamento de Dewey. O reducionismo da ideia de arte para um determinado produto ou objeto exterior que assim foi categorizado se afasta do pensamento deste filósofo, pois para Dewey a ideia de arte engloba a estética, a intuição, o sentimento, a emoção, a ação e prossegue envolvendo o próprio sujeito que age e experimenta e com isso exerce a sua criatividade. Isto vem a explicar o título da obra *Arte como Experiência* (2005). A insistência de Dewey em estabelecer conexões entre pensamentos, sentimentos e intuições, referindo-se à subjetividade quando este termo ainda não havia ganho a notoriedade que tem hoje, é no mínimo curiosa. Sua peculiaridade quanto a estas relações que acontecem na experiência

humana lhe possibilita afirmar que “pensar é proeminentemente uma arte; conhecimento e proposições, que são os produtos do pensamento, são obras de arte, tanto quanto o são as estátuas e as sinfonias.” (DEWEY, 1959a p. 378)

Preocupado com a racionalidade e o aspecto cognitivo presentes na aprendizagem escolar, e derivados da filosofia clássica grega, Dewey indica pontos de atração, e não paralelos, entre esta capacidade do ser humano e a experiência estética, a vivência do processo de criatividade, o fluxo no qual não se identifica início nem conclusão (DEWEY, 2005). A experiência é em si mesma uma forma de arte se entendermos que Dewey confere a esta uma permanente criação e recriação, pela estruturação e reestruturação do agir.

Pode parecer difícil a leitura destas tentativas de explicação se nos mantivermos fora do referencial próprio de John Dewey. A essência do pensamento deste filósofo está calcada no sujeito que se transforma e se recria continuamente e por isso não se pode separar a dinâmica do sentir e do fazer em toda e qualquer situação de experiência e nesta conjunção se instala a criatividade. Entendamos bem que para este filósofo nem a arte nem a experiência estão localizadas no objeto externo, mas sim no próprio sujeito. A criatividade não se mede por parâmetros convencionais, sejam pedagógicos ou artísticos, mas sim pela intensidade da experiência vivida e esta é a ideia por ele expressa para arte. Dewey (1953) enfatiza a necessidade da expressão criativa dos alunos e estabelece a experiência como o meio fundamental para que esta se realize. Este é o binômio central na vida do sujeito, experiência e criatividade, o qual servirá de base para todo o processo de educação e de aprendizagem. As questões de estética e de experiência estão entrelaçadas no processo contínuo da educação vivenciado pelos alunos.

Queiramos ou não, a noção de arte na cultura ocidental se origina principalmente no que foi pensado na Grécia clássica. É interessante observar que o filósofo parte do conceito dos antigos gregos para experiência, conforme já citamos, e o amplia, mostrando que há elementos na ideia de experiência que dificilmente seriam considerados naquela época, mas que fazem parte do processo criativo. Ainda que haja uma extensão do conceito grego, o autor lembra que “experiências contam somente quando resultam em *insight*, ou em uma percepção apreciada.” (DEWEY, 1959a, p.354). É preciso recordar que para os gregos a arte estava em grau inferior à ciência e à razão, e como lembra Dewey (1959a, p.355) “Arte nasceu da necessidade, falta, privação, incompletude, enquanto ciência – teoria – manifestava a completude e a totalidade do Ser.” Esta ideia é modificada pela perspectiva da filosofia da experiência e a arte assume um lugar específico dentro da ação do sujeito que não mais significa uma oposição à ciência. A questão da arte deixa então de ser antagônica à ciência porque faz parte da construção da experiência do sujeito e não apenas revelaria uma lacuna, mas sim que arte é “o modo de atividade que é carregada de significados” (DEWEY, 1959a, p.358) o que leva à extinção da separação entre arte e ciência, natureza e experiência. Considerando que “toda arte é um processo de fazer do mundo um lugar diferente para se viver e envolve uma fase de protesto e de resposta compensatória” segundo Dewey (1959a, p.363) afirma, podemos entender mais precisamente a relação entre criatividade e experiência.

Papel do Professor

Sempre que alguém se propõe a trabalhar com alunos segundo a pedagogia baseada nos escritos filosóficos de John Dewey surge um ponto que serve de apoio aos procedimentos que serão organizados na escola que é o papel

do professor. Do professor parte a responsabilidade da ação educativa, embora o agente primeiro nesta perspectiva seja o aluno. O professor, é sem dúvida um agente indispensável no processo educativo, se bem que muitas vezes seja esquecido pelos leitores de Dewey, entusiasmados com a atividade autônoma do aluno e por isso presos a uma interpretação falsa de suas ideias. Na realidade, se examinarmos cuidadosamente o que é proposto para a escola e a sociedade nesta filosofia, nós veremos que o professor ocupa lugar de importância. A filosofia da experiência não esquece quem está responsável pelos alunos, quem planeja as aulas, observa e avalia as atividades em sala de aula. Vejamos qual é o papel do professor cautelosamente de modo a não considerar que o professor deve ficar na sombra e deixar todo o brilho da experiência que é própria ao sujeito que aprende.

Há, sem dúvida, um papel típico para o professor na escola que pretende seguir os princípios articulados por este filósofo, e por isso nós precisamos perguntar:

Qual é esse papel?

Trata-se de um papel novo para uma atividade pedagógica que existe desde as civilizações que cresceram na antiguidade e se desenvolveram em tempos antes de Cristo. Longe de ser linear ou simples, pois para a pedagogia escolar, Dewey (1952, p.17) destaca a necessidade de um plano para o professor que contenha “o que é para ser feito e como deve ser feito”, o papel do professor se processa e se desdobra conforme os princípios filosóficos vão ganhando corpo na prática que busca atender esta premissa. O professor exercerá o papel difícil de alguém que oferece a mão ao aluno, mostra-lhe o mundo ao redor e ao mesmo tempo deixa que ele caminhe sozinho e busque a construção de seu próprio ser. Não é fácil aprender esse papel, contudo é preciso que em sua atuação o professor dê conta desta

recomendação e se equilibre entre estes dois polos extremos, o que conduz e o que deixa o aluno se conduzir.

Em um de seus escritos, publicado em uma seleção comemorativa, Dewey (1959b) expõe o que denomina o seu credo pedagógico, do qual vale a pena se extrair dois pontos e sobre eles refletir para o propósito de melhor compreensão do papel do professor;

Eu creio, finalmente, que o professor é engajado, não simplesmente no treinamento de indivíduos, mas na formação da vida social apropriada. Eu creio que cada professor deve reconhecer a dignidade de sua vocação; que é um servidor social colocado especialmente para a manutenção da ordem social apropriada e a segurança do crescimento social correto. (DEWEY, 1959b, p.32)

Quando John Dewey salienta o engajamento do professor na formação da vida social apropriada da pessoa do aluno, é preciso que se entenda o que isto significa. O engajamento em uma missão, notadamente no que se refere à educação de crianças e jovens, é o comprometimento com os princípios e os objetivos. É também uma contínua ação de discernimento quanto ao que entende por ‘vida social apropriada’ e qual é a ‘formação’ adequada para que este objetivo seja atingido. É muito interessante que tenha ressaltado a dignidade do papel do professor, e mais ainda, que este tenha consciência disso. De modo geral, consideramos que esta autoavaliação é extremamente positiva e que se alguém exerce um papel sem ter a nítida certeza da dignidade deste, o que mais ainda se aplica a um professor, a atividade, seja qual for, não será bem realizada.

O filósofo confia nos professores, espera muito de seu desempenho, no entanto, é incisiva a sua crítica aos cursos de formação de professores, que mais se preocupam com o que ensinar do que como ensinar. Nesta direção, acusa toda a organização das instituições de formação de professores, dizendo que

Seus membros, em grande maioria, estão fora de casa e esquecem sua própria infância, tornam-se eventualmente professores com uma grande quantidade de assuntos sob comando e pequeno conhecimento de como isto se relaciona às mentes daqueles a que isto deve ser ensinado. (DEWEY, 1953, p. 64)

O professor não é um mero funcionário de uma escola, seja particular ou uma instituição pública, mas é alguém que tem diante de si a tarefa de proporcionar o desenvolvimento da personalidade e das habilidades dos alunos que serão os adultos atuante na sociedade. Note-se que o termo cultura foi empregado no comentário anterior sobre experiência e criatividade, e aqui o retomamos para lembrar que o professor é alguém que tem um lugar de destaque na cultura, segundo a filosofia sob nosso foco. É indispensável entender que a escola, principalmente por meio da atividade do professor, organiza a cultura na sociedade. Estes termos se encontram algumas vezes distanciados e em outras se confundem, no entanto, na perspectiva que temos aqui, devido às características da educação na filosofia de John Dewey, a cultura é a o conjunto de intuições, símbolos, hábitos e convenções que se realizam na sociedade. É devido a esta simbiose que o contexto sociocultural adquire uma importância fundamental para a ação do professor.

Quanto ao aspecto das capacidades que os alunos deverão apresentar, podemos encontrar dificuldades na lógica deste filósofo. Afirmo isto, pois há que se notar uma certa ambiguidade em Dewey (1953), que pretende ajustar a escola ao ambiente social existente e ao mesmo tempo considera que esta deve ser a instância crítica dos valores dominantes na sociedade. Refletindo-se sobre o papel do professor diante do currículo e da

escola, tal como isto é proposto por este filósofo, que visa uma nova educação calcada na liberdade e interesse da criança, muito há que se trabalhar no sentido da sua formação. O professor precisa organizar sua prática pedagógica a partir de horizontes que, se hoje não são novidade, foram revolucionários na época em que esta filosofia foi divulgada. A ênfase na iniciativa dos alunos ainda hoje assusta os professores, muitas vezes perdidos quanto ao que fazer para que esta tenha realmente significado.

Para que o professor consiga realizar seu papel de modo adequado e coerente à filosofia da experiência, Dewey (1953) descreve extensamente as características das crianças conforme as novidades da psicologia da época. Podemos observar como considera fundamental que o professor conheça bem os traços psicológicos das crianças e esteja atento aos ensinamentos nesta área, Em qualquer escola, todo professor precisa estar em harmonia com os princípios e organizada segundo os moldes da filosofia que a fundamenta, e isto não seria uma exceção no presente caso. Deste modo, além da psicologia da infância, o conhecimento da filosofia são ingredientes indispensáveis para uma atuação eficiente do professor.

Uma das mais fortes justificativas da extensão e importância do papel do professor apresentadas por Dewey é a característica de plasticidade existente no aluno. A criança é um ser plasmável e este é um conceito deweyano a partir do qual o papel do professor ganha configurações especiais. O fato do aluno ser plasmável não significa que os professores na escola irão modelar os alunos conforme seus desejos, suas conveniências e suas interpretações do que é o ser humano. A plasticidade da criança não é algo para que dela se tire vantagens ou para que lhe sejam impostos costumes, hábitos, maneiras de pensar, de ser e de se comportar. A plasticidade é uma preciosidade que deve ser levada em conta pelo professor

como a capacidade de aprender da criança para que chegue a uma vida melhor. É neste sentido que é definida e entendida. Analisando os acontecimentos escolares, Dewey (1930, p.97) lamenta o mau uso da plasticidade existente na criança e afirma “a parte mais preciosa da plasticidade consiste na habilidade de formar hábitos de julgamento independente e de iniciação inventiva, o que tem sido ignorado.”

Sociedade e Democracia.

Indiscutivelmente os tópicos Sociedade e Democracia são nucleares no pensamento de John Dewey e sobre eles se concentram muitos de seus escritos. Toda a investigação filosófica que realizou teve como pontos irradiadores a questão da sociedade e que nesta houvesse uma democracia. Em muitos de seus textos é possível se encontrar análises e críticas sobre o tipo de sociedade e de democracia que levaram à constituição de uma escola que precisava ser reformulada.

Analisando a situação da educação em diferentes países e observando as mudanças ocorridas nos Estados Unidos, apesar de ser uma sociedade conservadora, Teixeira (1966) reconhece que a filosofia democrática de educação pensada por Dewey permitiu que houvesse o que se costuma chamar de educação progressista. A sociedade pode e deve ser mudada pela filosofia da educação que inspira as práticas escolares de modo que se desprenda de rígidas estruturas arcaicas para a construção da democracia.

Para se entender a questão da sociedade e da democracia e seus reflexos na organização pedagógica, é preciso ter em mente, que para Dewey (1953, p.11) “uma sociedade é um número de pessoas vivendo juntas porque estão trabalhando em linhas comuns, em um espírito comum e com referência a fins em comum”. Ainda que este conceito não seja aceito

por todos os sociólogos que não o considerariam aplicável às amplas sociedades nas quais vivemos hoje, um século depois desta afirmação, a ideia central pode permanecer. Hoje nós vivemos a duplicidade de uma sociedade extensa, imensa, com cidades superpovoadas e ao mesmo tempo somos capazes de simultaneamente participar de acontecimentos em diferentes sociedades, independentemente de sua localização geográfica. Esta estrutura do mundo atual não era concebível na época do filósofo, mas isto não invalida os princípios educacionais pelos quais tanto trabalhou.

Por esta razão, a escola, segundo a sua perspectiva, deve existir a partir destes dois conceitos e em função deles. A educação para Dewey (1997) tem como sua missão fundamental a formação de uma sociedade democrática, e se concretiza por meio de escolas nas quais esse conceito seja vivenciado pelos alunos. Não há escola em seu sentido intrínseco, para este filósofo, se ela não estiver inserida na vida social, se for isolada da realidade e se não estabelecer a interação dos alunos com todos os fenômenos e as demais instâncias da sociedade. E, sem dúvida, para este filósofo, a sociedade somente merece esta denominação quando nela se pratica a democracia. Muitos educadores, de forma rápida, associam o pensamento de John Dewey a uma escola libertária na qual os alunos se desenvolvem aleatoriamente, no entanto, não é esta a sua concepção, principalmente quando se lê que na educação escolar deve acontecer a transmissão (DEWEY, 1997) dos princípios da sociedade. Este autor enfatiza, no entanto, que não pode haver uma transmissão automática, pelo contrário, deve ser elemento das experiências a serem vivenciadas pelos alunos. Nada mais atual do que a questão da democracia nas sociedades e o papel das escolas de formar cidadãos. Permanece, pois, em nossos dias o significado da escola no que se refere à desejada construção de uma sociedade democrática. Sociedade e Democracia se refletem nas atividades

escolares, ao mesmo tempo em que se constituem uma de suas mais importantes finalidades.

A existência da sociedade não é garantida em si mesma, e muito menos democrática, porém segundo este filósofo, a escola prepara as pessoas que darão forma e continuidade a uma sociedade democrática. A necessidade de ensinar e de aprender é vital para que a sociedade democrática seja mantida e apresente a dinâmica de transformação esperada.

Ao nos referirmos ao fato de que a escola prepara as pessoas não estamos voltando à tradicional ideia de que a criança não tem participação social e que a escola é o lugar no qual estas são acolhidas separadamente do que acontece ao redor. Em oposição a esta tendência que se encontra algumas vezes ainda nos dias de hoje, a escola é a vida da criança e não o lugar e o modo apenas de preparação da criança para uma vida que há de vir. A dialética da vida que se constrói e ao mesmo tempo está sendo construída na escola e pela escola permanece. A vida está acontecendo desde a infância, e se inicialmente o bem-estar e o desenvolvimento da criança eram da responsabilidade da família, a partir da educação elementar esta vida se concretiza na escola. No pensamento e na prática de Dewey (1953, p.54) “A vida é a maior coisa de tudo; a vida da criança em seu tempo e medida não é menos do que a vida do adulto.” E a vida não é indicada como um acontecimento biológico, mas principalmente social. Com este enfoque, sua filosofia traz a pergunta sobre como agir diante da criança em sociedade fugindo de uma imagem e de uma utopia que se possa fazer do que seria a criança.

O significado de democracia na vida escolar se traduz na oportunidade da identificação da criança com a sua cultura, isto é, “quando a natureza e a sociedade podem viver na sala de aula” (DEWEY, 1953, p.56), pois é assim que os instrumentos de aprendizagem são genuínos artífices da

democracia e não elementos artificiais e decorativos. É de se compreender a insistência do filósofo no que concerne à necessidade das pessoas poderem viver em uma sociedade democrática desde a infância quando se analisa historicamente a época em que desenvolveu suas ideias. Duas grandes guerras mundiais aconteceram neste período em que construiu sua filosofia e o horror à ditadura e ao poder arbitrário certamente contribuíram para que viesse a realçar a questão da sociedade na democracia. Entendendo que para se afastar a ameaça de um impedimento da democracia na sociedade é imprescindível que o adulto tenha vivido os princípios democráticos desde a infância, o filósofo organizou a escola segundo estes parâmetros. O cenário, infelizmente continua o mesmo, no que diz respeito às tiranias, aos absolutismos e aos conflitos armados. Para que se tenha uma educação em seu mais profundo sentido, é preciso que a escola esteja atenta ao que dela a sociedade espera para a vitalidade da democracia.

De modo definitivo, afirma Dewey (1930, p. 95) que “uma sociedade humana está sempre começando de novo. Ela está sempre em processo de renovação e ela permanece somente por causa da renovação.” Onde estaria a raiz desta valorizada renovação? Na escola. A escola é a resposta para a busca de renovação da sociedade, não como um ponto remoto no futuro, mas no dia a dia dos alunos. Este é um diferencial na filosofia aqui analisada e que serve como indicador para a atualidade. A escola atual é fonte de renovação para a sociedade? Cabe à escola corresponder às expectativas da sociedade, ao mesmo tempo em que a impulsiona com ventos novos de transformação.

A mudança na sociedade é o significado da educação, como insiste Dewey (1930, 96) lembrando que “uma verdadeira educação humana consiste em uma inteligente direção das atividades nativas à luz das possibilidades e necessidades da situação social.” No entanto, na maioria

das vezes, as escolas não oferecem a verdadeira educação e se contentam em treinar alunos, em habilitá-los para cursos posteriores ou ofícios que encontrarão no mercado de trabalho. Isto não é educação, nem forma sujeitos ativos para a revitalização da sociedade e da democracia. As questões propostas e estudadas pela filosofia da educação necessariamente estão interligadas aos problemas sociais. Anísio Teixeira (1959) escrevendo no ano do centenário de John Dewey escreve sobre as contribuições de seu pensamento e considera que não houve nenhum outro filósofo moderno como este, que tanto se preocupasse com a ciência da sociedade. Interessado no ser humano, o filósofo certamente não poderia esquecer a sociedade, que é um sistema de seres humanos e mais ainda que esta sociedade tivesse o respeito a cada um deles.

Conclusões

Não é fácil encerrar um texto no qual se buscou refletir sobre as ideias de John Dewey, na medida em que sua produção é extensa e exige um espaço maior para que se consiga analisar mais profundamente suas ideias. Mais difícil ainda é extrair conclusões quando se pretendia continuar analisando e refletindo sobre tão importante material, mas isto não é possível nos limites de um artigo. No entanto, é preciso que o trabalho tenha uma conclusão e ofereça as reflexões finais para que outros pesquisadores possam dar continuidade ao que foi proposto. Com este estudo, que nos propusemos a realizar, oferecemos novos caminhos para a descoberta do pensamento deste filósofo, o que numa perspectiva da filosofia em questão se concretiza também como um convite a novas experiências, pois certamente escrever estas ideias se tratou de uma experiência altamente significativa que deverá ser frutuosa em trabalhos posteriores. Ressaltamos que há ainda um número muito maior de itens e tópicos que poderiam ter sido selecionados, e no

entanto, para este artigo, decidi focar apenas os três aqui expostos, considerando-os como nucleares e vitais para a compreensão da filosofia de Dewey. Desse modo, a atualidade de suas propostas educacionais foi aqui analisada sob o ângulo de três pontos que foram considerados centrais e indispensáveis: Experiência e Criatividade, Papel do Professor e Sociedade e Democracia. Concluímos que a análise feita por Dewey sintetizada nesses três pontos conserva um valor inestimável para o olhar que devemos ter hoje face aos problemas educacionais.

Entendo perfeitamente que outros autores possam discordar desta seleção e que poderiam ter escolhido tópicos diferentes destes. Observemos que estes três itens constituem seções separadas apenas por motivos didáticos e pela necessidade de uma explicação de sua importância com maior clareza, porém na realidade, eles estão fortemente interligados. Na realização da experiência e da criatividade acontece a presença do professor interessado no aluno que tem um papel único visando a renovação da sociedade e da democracia. Não podemos igualmente pensar em sociedade e democracia sem a presença atuante do professor que tem um papel de estimulador da experiência e da criatividade dos alunos. Essas combinações filosóficas são de grande riqueza na prática escolar.

Destacamos estes pontos, lembrando que foram salientados e escritos na primeira metade do século XX e que, no entanto, permanecem desafiadores e são da maior importância para a educação nas escolas dos dias de hoje. A escola continua a ser cobrada e instigada pela Sociedade em qualquer época, a qual espera que cidadãos nela sejam formados para a construção tensa e dinâmica da Democracia, ao mesmo tempo que deve proporcionar aos alunos o significado de sua vida naquela fase em que estão. É relevante que, nestas reflexões que apresentamos, seja compreendida a dialética deweyana da educação para um momento

determinado e para o futuro, seja hoje ou em relação ao tempo em que foram escritas suas obras ou para mais adiante ainda, da escola que respeita o período de desenvolvimento da criança e antecipa o adulto que será atuante na sociedade.

A escola que tem professores que sabem como ensinar, o que ensinar e para quem ensinam é uma preocupação que não tem uma data marcada nem pode ficar no passado como uma história contada por um sonhador. John Dewey foi o homem utópico que encontrou sua utopia, alguém que vislumbrou um ideal e lançou os alicerces para que esse edifício pudesse ser erguido continuamente, um filósofo que levantou um edifício com sólidos alicerces e que, propositalmente o deixou inacabado para que continuássemos a sua obra. Este filósofo foi um sonhador que não desperdiçou suas esperanças e ideias, mas as agarrou e sistematizou para que pudéssemos também usufruir desta experiência. Não há um ponto final na construção da vida de uma pessoa na medida em que esta vive a experiência e a criatividade inserida na sociedade e trabalhando para o bem comum. O processo de experienciar a natureza e a cultura ao mesmo tempo em que transforma o mundo e se transforma por seu poder criador não é um dado estático descrito em uma filosofia. A experiência e criatividade são marcas do ser humano que revelam suas potencialidades e possibilitam as suas conquistas. Para que tudo isso não fique no plano do imaginário, esta filosofia da educação conta com os professores no dia a dia de suas atividades escolares. A função do professor se multiplica a partir das premissas aqui analisadas e se renova sempre. Deste modo o papel do professor não se resume a um ensino de matérias e de um conteúdo curricular, mas ultrapassa tudo isso porque é centrada no aluno.

Retomo nestas conclusões à questão da escola em seu papel ambíguo de corresponder às expectativas da sociedade na qual está inserida e pela

qual foi instituída e ao mesmo tempo ser capaz de provocar nos alunos a capacidade crítica de analisar esta sociedade. Segundo Sucupira (1960) trata-se do que há de mais intrigante na filosofia da experiência construída por John Dewey. Não se podia pensar em uma escola granítica, fechada em si mesma, segundo escreveu, e penso que este é o grave problema da educação na atualidade. Encontrar o fiel da balança para que a escola realmente seja o espaço social-democrático e apropriado para o desenvolvimento dos alunos é sempre um desafio e continua a ser um enigma.

Na introdução fizemos questão de realçar a atualidade das ideias de John Dewey, polêmicas e ousadas para a época, ainda que os tempos de hoje sejam outros, e isto se deve à centralidade do ser humano em seu pensamento. O ser humano é a razão de suas reflexões, como também o foi dos filósofos na antiguidade grega e será, sem dúvida, a causa da continuidade do exercício filosófico de nossos sucessores.

Finalizo estas reflexões lembrando que há sempre a possibilidade de se fazer uma educação baseada na experiência nas escolas (SUCUPIRA, 1960) se estivermos conscientes de nossa responsabilidade com o desenvolvimento da criança na sociedade e para a sociedade, embora vivamos na atualidade em formas de sociedade e de cultura inimagináveis para o filósofo que morreu na primeira metade do século XX. A permanência da filosofia de John Dewey se deve à honestidade de suas preocupações com os alunos, os professores e a sociedade inteira, de tal modo que suas ideias transcendem espaço e tempo, sendo passíveis de adaptações para hoje.

Referências

AIKEN, Scott. *Pragmatism, the Given, and Dewey's Notion of Experience*. 2007 Conference Program 34th Annual Meeting March 8th-10th, 2007. Marriott Columbia, 1200 Hampton Street, Columbia, SC 29201. University of South Carolina, Columbia, SC. Disponível em: <<http://www.philosophy.uncc.edu/mlleldrid/SAAP/USC/program.html>>

AZEVEDO, F. et al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília. 65 (150) p. 407-425 maio/agosto 1984. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf> Acesso em 30.03.2015.

DEWEY, John. *Human Nature and Conduct*. New York: The Modern Library, 1930. 336 p.

_____. *Experience and Education*. New York: The Macmillan Company, 1952. 116 p.

_____. *The School and Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1953. 164 p.

_____. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications Inc., 1959a. 443 p.

_____. *My Pedagogic Creed*. In: *Dewey on Education. Selections*. New York: Teachers College Columbia University Ed., 1959b, p. 19-32.

_____. *Democracy and education: an introduction to the philosophy of education*. New York: The Free Press, 1997.

_____. *Art as Experience*. New York: Penguin Books, 2005.

DWORKIN, Martin. John Dewey: A centennial review. In: DEWEY, John. *Dewey on Education. Selections*. New York: Teachers College Columbia University Ed., 1959, p. 1-18.

FALLACE, Thomas. *The Savage Origins of Child-Centered Pedagogy, 1871–1913* *American Educational Research Journal*, February 2015, v. 52, n. 1, p. 73–103 DOI: 10.3102/0002831214561629 2014 AERA. <http://aerj.aera.net>

GLASSMAN, M. *Dewey and Vygotsky: Society, Experience, and Inquiry*. In: _____. *Educational Practice. Educational Researcher*. 30: 3-14, 2001.

HANDLIN, O. *John Dewey's Challenge to Education*. New York: Harper & Brothers, 1959. 59p.

OLSEN, Phillip. *Dewey's Virtues* In: Conference of the Society for the Advancement of American Philosophy, 2007. Disponível em: <<http://www.philosophy.uncc.edu/mleldrid/SAAP/USC/program.html>.>

Acesso em 30. 03. 2015.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. XXXII n. 75, julho/setembro 1959. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001670.pdf>> Acesso em 06. 04. 2015.

Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, III. 150 anos de nascimento de John Dewey – 27-28 de julho de 2009. Disponível em: <<http://3sief.blogspot.com.br>> Acesso em 30. 03. 2015.

SUCUPIRA, Newton. *John Dewey: uma filosofia da experiência*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 80, p. 78-95, out./dez. 1960.

TEIXEIRA, Anísio. *Bases da teoria lógica de Dewey*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.23, n.57, jan./mar. 1955. p.3-27.

_____. *Filosofia e educação*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.32, n.75, jul./set. 1959. p.14-27.

_____. *Educação como experiência democrática para cooperação internacional*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.45, n.102, abr./jun. 1966, p.257-272.